
MUITO ALÉM DO SERVIÇO: O JORNALISMO UTILITÁRIO DO QUADRO TRAILER DO BEM¹

Ygor Cássio Amorim de SOUZA²
Valmir MATIAZZI³
Centro Universitário Faesa, Espírito Santo, ES

RESUMO

Este artigo pretendeu tratar do jornalismo de serviço, prática do gênero utilitário, apresentado em programas caracterizados pelo gênero policial. Faz isso analisando o quadro Trailer do Cidade, do programa policial Cidade Alerta, apresentado na emissora TV Vitória, afiliada capixaba da Record TV. O objetivo foi analisar a importância do jornalismo utilitário, para sociedade na cobrança de demandas populares e vigilância. Além disso, foi analisado o espaço concedido ao quadro no telejornal, fazendo um contraponto entre o gênero policial e utilitário. Os gêneros também foram relacionados, já que apresentam características parecidas, como a vigilância e cobrança. Outro ponto importante na abordagem do tema é a análise acerca do sensacionalismo presente nas linguagens textuais e audiovisuais. Para o desenvolvimento dessa análise foram as pesquisas metodológicas bibliográfica, descritiva e a quali-quantitativa. A pesquisa foi norteada por artigos e livros de Angrimani, Martinuzzo, Oliveira, Pereira Junior, Rezende, Sousa, Vaz.

PALAVRAS-CHAVE: Prestação de serviços; jornalismo policial; sensacionalismo; Cidade Alerta; TV Vitória.

JORNALISMO

O jornalismo está relacionado à comunicação e funciona como um difusor de informações, prezando a veracidade e rapidez. De acordo com Beltrão (2006, p.30), o “jornalismo é informação de fatos correntes [...] com objetivo de difundir conhecimento e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum”. A notícia é o produto do jornalismo que segue uma estrutura textual e critérios.

Traquina (1993, p. 169) afirma que “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Graduando do Curso de Jornalismo da Centro Universitário Faesa - ES, e-mail: ygorcassio@hotmail.com

³ Professor Mestre em Jornalismo do Centro Universitário Faesa - ES, e-mail: vmatiazzi@yahoo.com.br

A notícia é caracterizada pelo texto informativo a respeito de um acontecimento e é veiculado em meios de comunicação. O texto segue uma estrutura de produção que sofre influências, já que o produto final é um relato sobre um fato interpretado, conforme afirma Matiazzi (2010).

Para que a notícia seja veiculada há caminho a ser percorrido. O produto final nunca será o fato como ele realmente aconteceu. Os jornalistas constroem os acontecimentos na narrativa de um fato interpretado. A notícia é a descrição do evento interpretado. (MATIAZZI. 2010, p. 83)

Os critérios utilizados durante a produção são os valores notícia que definem e hierarquizam a importância da informação. Segundo Sousa (2001, p.38), "a seleção é a pedra angular do processo, pois um jornal não pode ser um amontoado não criterioso de todo o tipo de informações".

Galtung e Ruge (1965, in Sousa, 2001) determinam os valores como proximidade; momento do acontecimento; significância; proeminência social dos sujeitos envolvidos; proeminência das nações envolvidas nas notícias; consonância; imprevisibilidade; continuidade; composição; e negatividade.

Este artigo analisa o quadro Trailer do Cidade, apresentado durante o programa Cidade Alerta, na TV Vitória. O quadro produz notícias de serviço do gênero utilitário e segue a critérios de noticiabilidade definidos pela produção e emissora tendo como base o público alvo do programa.

Em conformidade com Temer (2007), os critérios de noticiabilidade dependem de diversos fatores, entre eles a produção, linha editorial e interpretação.

A noticiabilidade está sempre sujeita às condições de produção, avaliação (incluindo interesses e necessidades) e interpretação dos jornalistas, esteja ele exercendo o papel de repórter, colhendo o fato no local onde ele acontece, na edição ou até na direção do órgão de imprensa que produz essa notícia. (TEMER 2007, p.59)

O quadro segue alguns critérios, entre eles podem se destacar a proximidade, factualidade, significância e proeminência social. Sousa (2001, p. 38) afirma que a seleção e hierarquização são duas das principais tarefas do jornalista. A produção atua como gatekeeper, seguindo valores notícia para hierarquizar as notícias.

Entre os critérios adotados pela produção do quadro estão a proximidade, ou seja, quanto mais próximo for a pauta sugerida mais chances tem de se tornar notícia. Outro valor utilizado é a factualidade, que diz respeito ao momento do acontecimento. A relevância é outro valor adotado na seleção de notícias. O critério leva em conta intensidade de um acontecimento e quantas pessoas envolvidas nele.

O jornalista é o profissional responsável pela apuração e produção de notícias. Para Kucinski (2005), o profissional não é apenas um mediador na produção jornalística, ele também tem liberdade na produção simbólica de sentidos e escolhas.

O jornalismo não é um mediador neutro entre os diversos interesses, públicos e privados, ou entre os diversos saberes e protagonistas da saúde coletiva. Goza de autonomia discursiva na criação simbólica de sentidos, pela sua capacidade de escolher ou descartar temáticas, fundir, teatralizar os fatos, reformular e recriar narrativas. (KUCINSKI. 2005, p. 40)

Como sugere Sousa (2001, p. 36), ser um bom jornalista é um desafio, exige muitas capacidades dos profissionais, entre elas elevados conhecimentos, boa cultura geral, domínio dos assuntos, discernimento para distinguir o essencial do acessório e compromissos éticos.

TELEJORNALISMO

As evoluções tecnológicas impactaram o jornalismo com a invenção de meios eletrônicos como o rádio. Em meio a evolução, no começo do século XX foi desenvolvido um meio capaz de aliar imagem e som, a televisão. O jornalismo apropriou-se da ferramenta, conforme relata Godoi (2007, p. 16).

A televisão só chegou no Brasil no começo da década de 1950, com as primeiras transmissões da TV Tupi. De acordo com Martinuzzo (2005, p. 15), o público aprendeu a ver o mundo através da televisão e, desde a inauguração da primeira emissora até os dias atuais, assumiu um posto de grande importância nas casas.

Assim como citou Rezende (2000, p. 106), os primeiros telejornais eram produzidos de forma precária. Os telejornais eram apresentados ao vivo nos estúdios. No começo do telejornalismo no país, era aparente a herança do radiojornalismo, já que os programas eram produzidos e apresentados por profissionais vindos do rádio.

No ano de 1953 surgiu a Record TV, que na época concorria diretamente com canais como a TV Tupi. Como sugere Martinuzzo (2006, p. 20), a emissora inovou com uma programação repleta música, esporte, teatro e humor. A emissora dava espaço também ao telejornalismo e trouxe técnicas diferentes na produção.

A TV chegou ao Espírito Santo pela TV Vitória, que foi fundada no ano de 1961 e deu os primeiros passos com técnicos e aparelhos vindos da matriz, na época TV Tupi. A emissora investiu em programação local e pela falta de videotape⁴ as produções eram feitas ao vivo, como afirma o Martinuzzo (2006, p. 22). Mesmo com a precariedade, a emissora trazia uma programação entre o horário de 17h até 22h.

De acordo com Martinuzzo (2006), nos últimos anos, a emissora investiu ainda mais na programação e chegou a contar com 13 atrações. Atualmente, a emissora conta com seis programas, são eles os programas policiais, Balanço Geral e Cidade Alerta, além dos telejornais Jornal da TV Vitória e ES no Ar, e os programas de variedade Fala Espírito Santo e Fala Manhã.

Telejornalismo de Gênero Policial

Segundo Rezende (2000, p. 28), a evolução do telejornalismo esteve relacionada ao jornalismo investigativo. O telejornalismo buscou se especializar em programas caracterizados pelo jornalismo policial. O gênero causa tanto interesse do público que acabou formando um trinômio entre a sociedade, o crime e a polícia.

Nas décadas de 1950 e 1960, telejornais policiais surgiram na televisão e programas como Repórter Esso e o Jornal de Vanguarda se destacavam. Outros programas surgiram nos mesmos moldes e, segundo Romão (2005, p. 32), entre eles destacam-se os extintos Repórter Cidadão, da RedeTV!, Linha Direta, da TV Globo, Cadeia Alborghetti, da TV Gazeta - SP, e o Aqui e Agora, do SBT.

Atualmente, alguns programas se destacam na cobertura da editoria, entre eles o Brasil Urgente, da TV Bandeirantes, o Balanço Geral e o Cidade Alerta, ambos da Record TV. Este último é apresentado pelo jornalista Fernando Fully e conta com duração de cerca uma hora trazendo notícias ligadas principalmente segurança pública, monitorando a criminalidade.

O programa tem como alvo o público de classe C e chega a liderar a audiência na programação local. Conforme dados do Ibope, o programa policial obteve 20 pontos de média de audiência e chegou a alcançar picos de 24 pontos em abril de 2018. O programa chegou até a liderar a audiência por 21 minutos.

Oliveira (2011) explica que o programa possui uma perspectiva de vigilância social e prestação de serviços na sociedade.

O Cidade Alerta propõe um pacto com a audiência de um jornalismo de vigilância, denúncia e prestação de serviço social. Desta forma oferece ao repórter o papel do vigilante da sociedade: está ali para acompanhar e denunciar as falhas dos sistemas sociais públicos e privados, alertando a sociedade sobre os riscos que corre e chamando-a para a ação social (OLIVEIRA. 2011, p. 132)

Por conta de sua característica de vigilância, o programa se estabelece como uma espécie de quarto poder ao assumir o papel de denunciador das mazelas da sociedade.

Apesar da importância social dos telejornais policiais, Costa (in Gomes, 2005) questiona o modo como parte dos programas abordam a insegurança.

O atual jornalismo policial é um misto de circo com terrorismo, que mantém ouvintes, espectadores e leitores numa espécie de transe de medo, para reagir à escalada de violência que é crescente no país. A editoria Policial é de extrema importância para que a sociedade possa acompanhar os fatos que envolvem crimes de toda a espécie, mas como está sendo tratada, com desdém e sensacionalismo, não consegue atingir a sua devida importância. (COSTA. APUD GOMES 2005, p. 5)

Em busca da audiência, as emissoras expõem crimes de maneira tão exacerbada que contribuem para a banalização da violência, conforme afirma Gomes (2005, p. 13). Ainda de acordo com o autor, programas policiais “acabam transformando os estúdios de gravações num verdadeiro palco”.

JORNALISMO UTILITÁRIO VERSUS COMUNITÁRIO

Apesar de ter a função de informar corretamente os receptores, o jornalismo é uma categoria comunicacional caracterizada por gêneros. O gênero utilitário, objeto desta pesquisa, está relacionado à prestação de serviço, conforme afirma Vaz (2009, p. 44, apud. Marques de Melo, 2007).

Sousa (2001, p. 13) acredita que o papel do jornalismo é ser útil ao receptor. Para ele, “informar, jornalisticamente falando, também significa noticiar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes, estejam ou não relacionados com a ação dos agentes de poder”.

O jornalismo de serviço tem o propósito de servir ao receptor com informações úteis relacionadas a assuntos presentes no dia a dia dos telespectadores. Este raciocínio segue a definição de Junqueira (2013), que explica que o gênero abriga quatro formatos, são eles indicador, cotação, roteiro e serviço.

Melo (2010) também define a função social deste gênero como um auxiliador nas tomadas de decisões cotidianas. Se tratando de gênero utilitário, pode se dizer que a comunicação trabalha como um difusor de assuntos necessários no cotidiano do espectador.

Vaz (2009, p. 41) define que a proposta principal do jornalismo de serviço é “oferecer a informação que o receptor necessita ou que poderá se tornar necessária em algum momento. Assim, manifesta-se em todos os suportes midiáticos, [...] levando à audiência uma informação útil e utilizável”.

Chaparro (1998) acredita que o jornalismo utilitário ainda não foi devidamente classificado e que até o momento o gênero é tratado vulgarmente como um serviço. O autor ainda define a característica do gênero.

São formas adequadas de mediação para solicitações concretas da vida urbana, nos planos do negócio, da cultura, do consumo, do lazer, do acesso a bens e serviços, na ordenação de preferências e movimentos, nas estratégias e táticas da sobrevivência. As espécies utilitárias deixaram de ser manifestações secundárias no relato da atualidade. Por isso, há que entendê-las e classificá-las enquanto formas do discurso. (CHAPARRO, 1998, p. 115)

Este artigo analisa o quadro Trailer do Cidade, presente desde abril de 2017 no programa Cidade Alerta, da TV Vitória, é apresentado por Michel Bermudes Auer⁷. A produção conta com a ajuda dos telespectadores que sugerem pautas e solicitam o auxílio da mídia para ter suas demandas atendidas.

O quadro atua como um denunciador de questões sociais conforme afirma Guareschi (2007). O autor acredita que os meios de comunicação atuam como um denunciador dos abusos das autoridades e governantes. Para ele, a mídia assume um papel de autoridade, o dito quarto poder, capaz de vigiar e fiscalizar autoridades.

O sucesso desse tipo de programa se vale da participação do telespectador. Em conformidade com Sobrinho (2014, p. 84), os moradores mais engajados de localidades carentes se envolvem na luta pelo bem comum reivindicando melhorias para o próprio bairro e veem no telejornal um recurso para potencializar suas demandas.

Apesar de contar com a interação da comunidade para produzir o quadro, o programa não pode ser comparado à comunicação comunitária, pois esse modelo de comunicação é produzido pela comunidade desde a seleção à veiculação da notícia, ou seja, feita pelo povo e para o povo. Pelo programa ser transmitido em um meio de massa, a característica comunitária acaba se perdendo.

O jornalismo de serviço obtém seu sucesso pelo fato de dar visibilidade e espaço aos receptores que veem no gênero uma forma de denunciar problemas do poder público. Por conta disso, o gênero utilitário dá uma sensação de cidadania aos telespectadores que participam do processo de produção.

A prestação de serviços pode contribuir de certa forma para a desmobilização social, já que os telespectadores responsabilizam os programas de massa pelo atendimento de suas demandas. Isso segue o pensamento de Sobrinho (2014).

O jornalismo de serviço substitui canais de participação construídos através de reivindicações e lutas populares que foram desmobilizados e tornados inertes durante a construção da hegemonia neoliberal, e coloca os participantes em uma

negociação que parasita a voz dos que recorrem a esse método para resolverem suas demandas. Esse tipo de participação silenciadora promovida pelo jornalismo de serviço acaba por também promover um conceito de cidadania liberal. (SOBRINHO. 2014, p.117)

Ainda de acordo com o autor, o gênero acaba tratando reivindicações de direitos que são obrigações do Estado junto à sociedade como um benefício e além de causar uma confusão entre direitos e serviços, o que acaba por desmobilizar o público.

SENSACIONALISMO

O Dicionário de Comunicação (2002, p. 666) define o sensacionalismo como um “estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público”.

O jornal sensacionalista tende a tornar um fato em algo sensacional e espetacular. Desta forma, fatos cotidianos extrapolam o real, conforme afirma Angrimani (1995).

Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a notícia é elaborada como mero exercício ficcional. (ANGRIMANI, 1995, p. 10).

Como sugere Sobrinho (1995), o sensacionalismo surgiu ainda no jornal impresso, mas é incerto afirmar quando exatamente. Porém o autor acredita que o sensacional esteja inserido no jornalismo desde o século XVI e XVII quando os primeiros veículos de comunicação começaram a surgir na França e Estados Unidos.

Atualmente, o termo sensacionalismo é usado em muitos sentidos, para Souza (2009), a classificação de um conteúdo como sensacionalista está deturpada.

O conceito está deturpado e sendo usado de forma irresponsável pelo senso comum. A qualquer exagero ou equívoco midiático é atribuído o caráter de matéria sensacionalista, como se toda abordagem desse tipo fosse necessariamente antiética. (SOUZA. 2009, p. 6).

O espectador tende a classificar como sensacionalista tudo o que não coincide com os próprios princípios, seja pelo exagero, a valorização da emoção e discurso trágico ou um texto com linguagem informal e uso de imagens impactantes, conforme afirma Pedroso (2001, p. 122).

O sensacionalismo se enveredou também para outros meios de comunicação, entre eles o telejornalismo, e atualmente é associado aos programas segmentados do gênero

policial. Nesses telejornais o sensacionalismo se manifesta na linguagem em coberturas de mortes e criminalidade.

O Cidade Alerta se propõe a desempenhar um papel de vigilante nas coberturas sobre crimes. Para Godoi (2007), os telejornais policiais acabam transformando a notícia em um espetáculo ao retratar fatos como um show. Esse raciocínio segue o de Angrimani (1995), que afirma que o jornal sensacionalista amplia a abordagem de crimes cotidianos e assim pode colaborar para a reprodução dos mesmos.

O assassinato, o suicídio, o estupro, a vingança, a briga, as situações conflitantes, as diversas formas de agressão sexual, tortura e intimidação ganham destaque e merecem ser noticiadas no jornal a sensação. Uma das críticas mais comuns, que se faz contra os jornais sensacionalistas, deduz que esse gênero de imprensa apanha um acontecimento parcial e cotidiano, amplia-o, e assim estaria colaborando para a reprodução da violência. (ANGRIMANI. 1995, p. 57).

Telejornais usam a linguagem popular como um modo de atrair a audiência e são caracterizados por uma linguagem exageradamente coloquial. Conforme Angrimani (1995, p. 40), afirma que a linguagem sensacionalista não permite distanciamento e neutralidade nas matérias e, além disso, busca chocar e impactar o público para “romper o escudo contra as emoções fortes”.

Já Periago (2004), ressalta que a linguagem do telejornalismo policial segue uma estrutura textual. O apresentador chama a matéria direto do estúdio com um lead breve sobre o caso, depois entra a matéria externa e volta para o estúdio, onde o apresentador faz comentários efusivos ironizando e criticando o caso.

METODOLOGIA

Metodologia científica é um conjunto de técnicas empregadas em um projeto de pesquisa para investigar e estudar um determinado objeto. A metodologia tem diversos tipos de pesquisa que são classificados conforme com os objetivos, os procedimentos de coleta de dados, as fontes de informação e a natureza dos dados.

Assim como citou Gil (1989, p.27) metodologia científica “pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim e método científico como um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

Durante a elaboração deste projeto foi definido como objeto de estudo o jornalismo de serviço prestado pelo quadro Trailer do Cidade, do programa Cidade

Alerta, exibido pela TV Vitória. Seguindo a escolha do tema, foi definida a metodologia de pesquisa como descritiva, quali-quantitativa e bibliográfica.

Os objetivos antes estabelecidos foram os pontos iniciais que perpassaram a produção desta pesquisa. De acordo com Gil (2008, P. 28), a pesquisa descritiva evidencia as características de determinado grupo ou acontecimento. O autor ainda esclarece que uma das principais características dessa pesquisa é a utilização de técnicas padronizadas para coleta de dados.

Cabe ao pesquisador aferir a análise, o apontamento e a interpretação dos acontecimentos, sem influenciar ou interferir em meio à produção. Ao pesquisador cabe apenas constatar a frequência com que o determinado acontecimento se sucede ou como se dispõe. Durante a pesquisa descritiva é desenvolvido um estudo aprofundado, com coleta, análise e interpretação de dados.

Em conformidade com Gonsalves (2001, p. 65), a pesquisa descritiva procura mostrar as características do objeto de estudo, sendo assim o método não analisa os porquês ou as fontes do fenômeno. O método de pesquisa quali-quantitativa foi adotado neste projeto por conta da possibilidade de classificar a quantidade de espaço o programa concede ao jornalismo de gênero utilitário e policial.

Marconi e Lakatos (2003) exemplificam as diferenças e mudanças entre o tipo de pesquisa qualitativa e quantitativa. De acordo com as autoras, os métodos dependem dos resultados do outro para fundamentar a própria pesquisa.

Denominamos de mudança quantitativa o simples aumento ou diminuição de quantidade. Por sua vez, a mudança qualitativa seria a passagem de uma qualidade ou de um estado para outro. O importante é lembrar que a mudança qualitativa não é obra do acaso, pois decorre necessariamente da mudança quantitativa. (MARCONI; LAKATOS. 2003, p. 104)

O objetivo da pesquisa quali-quantitativa é mensurar informações. As informações levantadas assumem uma forma estatística, deste modo ficará a critério do pesquisador o modo em que os resultados serão expostos, como por exemplo, gráficos e tabelas. Por meio deste método, os dados sobre as características do objeto de pesquisa serão mensurados e analisados.

A partir dos resultados alcançados por meio da pesquisa obteve-se o método bibliográfico, o qual se entende como método de pesquisa e conhecimento sobre artigos e livros com o objetivo de comprovar ou refutar a pesquisa. Para Gonsalves (2001), as principais características do método são a identificação e análise de obras de outros autores para colocar o pesquisador em contato com o conteúdo.

Isso segue o raciocínio de Gil (2008). Segundo o autor embora a pesquisa bibliográfica seja utilizada em quase todos os estudos, existem pesquisas que são desenvolvidas somente a partir da bibliografia.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (GIL. 2008, p. 50)

O pesquisador acompanhará o programa por duas semanas. O diário será norteado pelos critérios de noticiabilidade. Segundo Temer (2007), os critérios de noticiabilidade dependem de diversos fatores, entre eles a produção, linha editorial, interesses, necessidades e interpretação dos profissionais em todos os papéis da produção, desde o repórter à direção do veículo de imprensa.

O quadro Trailer do Bem segue alguns critérios durante a produção do conteúdo. Entre eles podem-se destacar a proximidade, factualidade, significância e proeminência social. Sousa (2001) afirma que a seleção e hierarquização são duas das principais tarefas do jornalista.

ANÁLISE

Este artigo analisou o quadro Trailer do Cidade, apresentado no programa Cidade Alerta com base no tempo de exibição de conteúdo de gênero policial e utilitário, o tipo de linguagem do programa e se o quadro realmente trata de temas utilitários. Para isso o pesquisador analisou o programa por um período de 10 dias e desenvolveu um diário de bordo (Apêndice A).

O Cidade Alerta tem duração de uma hora e é televisionado de segunda a sexta. O programa tem uma estrutura fixa de três blocos. O apresentador faz um comentário chamando uma matéria ou entrada ao vivo. O conteúdo entra e após terminar, volta para o apresentador, que faz um comentário opinativo e muitas vezes sensacionalista. Essa estrutura textual fixa é criticada por Periago (2004).

Durante o período analisado, foram televisionados diversos conteúdos ligados ao jornalismo de gênero policial durante o programa. Ao todo foram televisionadas 83 matérias; 34 entradas ao vivo; 31 off vivos; e 23 notas cobertas. Esse conteúdo foi transmitido por 288m08s.

Gênero Policial



Pode ser observado que além do uso das matérias e dos vivos, o quadro usa amplamente o off vivo. Rezende (2000, p. 149) afirma que o off é o texto gravado pelo repórter ou apresentador e é conjugado harmoniosamente com as imagens passadas no vídeo que o cobre.

Já a nota coberta, outra ferramenta usada no programa, é definida por Rezende (2000) como o texto mais objetivo de um acontecimento coberto por imagens. Maciel (1995) afirma que a nota coberta é a forma mais simples de se apresentar uma notícia.

O programa Cidade Alerta tem como um dos pilares a utilização de entradas ao vivo durante a transmissão. Para Fechine (2008), os telejornais têm feito cada vez mais o uso dessa ferramenta por conta da factualidade e do sentido de presença que passa aos telespectadores.

Observa-se uma tendência à utilização cada vez maior da transmissão direta pelos telejornais tanto para a produção de um efeito de atualidade na divulgação da informação quanto para a construção de um sentido de presença entre os sujeitos envolvidos na comunicação (FECHINE, 2008, p. 1).

O Trailer do Cidade em contrapartida esteve ao vivo por 56m55s. O programa segue uma estrutura fixa com três entradas ao vivo. A primeira traz uma espécie de lead do que será tratado durante a edição. Na segunda o apresentador chama uma matéria que relembra a última visita ou apresenta determinado bairro. Ainda nessa entrada é mostrado o resultado da reivindicação. A terceira e última começa com um merchandising⁸ antes de introduzir uma fonte ou nota. Durante as entradas os moradores participam e interagem com o apresentador.

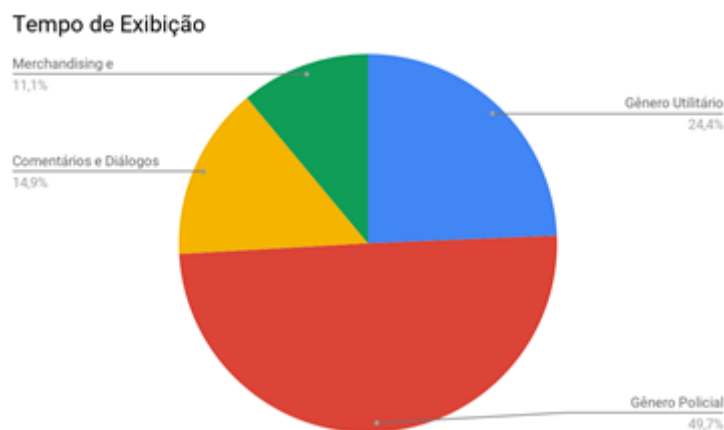
Para Coutinho (2012), os telejornais assumem um pacto com os telespectadores com base na legitimidade e veracidade das informações.

É por meio de um contrato de confiança entre os cidadãos e os jornalistas de TV que podemos considerar que os telejornais atuam como redutores de incerteza na

contemporaneidade, como uma espécie de antídoto quanto às informações de origens e graus de segurança diversos. (COUTINHO, P. 28).

A autora ainda sugere que (2012) o telespectador se propõe a participar do programa mais do que apenas como receptor. Ele trabalha como uma espécie de pauteiro sugerindo matérias. Isso aproxima simbolicamente os programas jornalísticos do público.

Conforme o gráfico (Apêndice B), em porcentagem o quadro Trailer do Cidade tem espaço de cerca de 24,4% em média no programa. Enquanto isso, as matérias de gênero policial têm 49,7% de espaço em média. O tempo restante fica para comentários, merchandisings e breaks comerciais. Se somadas, as matérias policiais e o quadro ocupam somente a metade do tempo do programa.



Pode-se perceber que o gênero policial ocupa quase a metade do tempo de exibição do programa, enquanto o utilitário, por meio do Trailer, ocupa cerca de quase $\frac{1}{4}$. Apesar de não ser muito grande, o quadro consegue atender demandas e trazer resultados para as comunidades.

É possível observar que, durante a análise, em cinco ocasiões foram obtidas respostas positivas para as cobranças. Sendo assim, é possível observar a importância do quadro utilitário no telejornalismo. Para Chaparro (1998, p. 115), “as espécies utilitárias deixaram de ser manifestações secundárias no relato da atualidade”.

Outro ponto de análise abordada é a linguagem do quadro e do programa. Telejornais de gênero policial e utilitário geralmente são associados a linguagem sensacionalista e popular. A linguagem é associada vezes ao sensacionalismo e em outras à linguagem popular.

Durante o acompanhamento das 10 edições do programa, foram observadas frases que caracterizam a linguagem do quadro. Neste período é possível perceber que existem bordões no programa.

Um exemplo disso é a frase que o apresentador Fernando Fully fala quando chama a entrada ao vivo. Ele diz “agora é a hora onde a comunidade tem voz e tem vez”, associando o quadro a um papel de vigilante social que dá voz aos telespectadores. Outros exemplos são os bordões usados para definir o resultado da reivindicação. Quando é positivo, o apresentador Michel Bermudes fala “aí sim amiguinho!” e quando é negativo ele diz “aí não amiguinho”.

Foram destacadas algumas frases caracterizadas pelo estilo popular. São elas “joga nos meus peito que eu resolvo”; “cola ni mim que tu brilha”; “tamo dando trabalho pro plin plin”. As frases não contam com concordância verbal e até usam gírias. O apresentador se propõe trazer a linguagem para perto do telespectador. Além das frases, o apresentador faz o uso da linguagem coloquial durante todo o programa.

O uso de linguagem popular pode ser caracterizado como sensacionalismo, conforme acredita Angrimani (1995, p. 16) ao dizer que “a linguagem sensacionalista não pode ser sofisticada, nem o estilo elegante. A linguagem utilizada é a coloquial, não aquela que os jornais informativos comuns empregam, mas a coloquial exagerada, com emprego excessivo de gíria e palavrões”.

Além da linguagem popular, em um momento o quadro se mostrou sensacionalismo. No dia 01 de outubro, o quadro visitou o bairro Jardim de Alah, em Cariacica, para cobrar uma reivindicação de calçamento. A rua em questão conta com pessoas com dificuldades de locomoção e na ocasião a resposta da prefeitura foi negativa.

Bermudes fala a seguinte frase sobre a situação: “Essas imagens dessas crianças cadeirantes mexeram com você? Tocaram o seu coração? O meu tocou e com certeza o do telespectador também, mas essas imagens pelo visto não estão tocando o coração do prefeito Juninho e da Prefeitura de Cariacica”. Enquanto ele falava, imagens em tom sépia mostrando cadeirantes tentando se locomover.

Essa atitude tomada no quadro se caracteriza como sensacionalista, já que se utiliza da linguagem para causar emoções, conforme afirma Angrimani (1995).

O sensacionalismo não admite distanciamento, neutralidade, mas busca o envolvimento, busca “romper o escudo contra as emoções fortes”. É preciso chocar o público. Fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. (ANGRIMANI. 1995, p. 39).

O Trailer do Cidade desenvolve matérias em localidades da Grande Vitória. As matérias do programa tratam de reivindicações de moradores. O quadro recebe esses pedidos do público como sugestão de reportagem e desenvolve matérias com o intuito de

cobrar essas demandas populares junto às autoridades. Nesta ótica, o Trailer se coloca em uma posição de porta voz e vigilante das comunidades.

O quadro é relacionado ao gênero comunitário até quando é chamado pelo apresentador Fernando Fully. Ao chamar a entrada ao vivo, ele fala “Agora é a hora onde a comunidade tem voz e tem vez”. Todavia, para Dornelles (2006), o jornalismo comunitário é feito do povo para o povo e por conta de o quadro ser televisionado em um telejornal de uma emissora de massa não pode ser considerado comunitário.

A forma mais objetiva de se definir “comunicação comunitária” [...] é dizendo que se trata de um tipo de comunicação feita pelo povo e para o povo, com a participação do povo na produção das mensagens (DORNELES, 2006, p. 371).

O Trailer tem função de cobrar reivindicações da população e informar a população sobre questões úteis. Sendo assim, o quadro pode ser associado ao gênero utilitário, que se caracteriza pela produção de notícias de serviço destinadas a atender o público.

O jornalismo de serviço produz “informações destinadas a proteger os interesses dos usuários dos serviços públicos, bem como dos consumidores de produtos industriais ou de serviços privados”, conforme afirma Vaz (2009, p. 44, apud. Marques de Melo, 2007).

De acordo com Temer (2003), o jornalismo utilitário não contribui apenas com notícias de serviço, mas também com informações que podem contribuir para a melhora na vida do receptor.

Jornalismo de Serviço é aquele que vai além da simples divulgação da informação e se preocupa em mostrar/demonstrar fatos e ações que a curto, médio ou mesmo longos prazos, vão contribuir para melhores condições de vida do receptor. (TEMER. 2003, 101)

O Trailer do Cidade pode ser definido como sendo do gênero utilitário por produzir matérias de serviço que ajudam o receptor na vida dos telespectadores. O quadro se propõe a atender as necessidades do público, ajudar nos problemas das nas comunidades, divulgar as reivindicações e cobrar atitudes do poder público.

O quadro segue alguns critérios durante a produção do conteúdo. Entre eles podem-se destacar a proximidade, factualidade, significância e proeminência social. A equipe de produção do quadro é composta pelo apresentador Michel Bermudes, pela produtora Saelly Pagung e pela editora Ana Carolina Madureira.

Durante a análise, é possível perceber que em apenas três edições foram factuais, o restante foram apenas cobranças de reivindicações feitas anteriormente. Em três ocasiões o Trailer apresentou proeminência social. O quadro se utilizou das características

do critério da tragédia na seleção da notícia. Em cinco ocasiões o quadro apresentou características do critério de significância.

REFERÊNCIAS

- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.
- BARBOSA, Gustavo. RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. Editora Campus. 5 edição. 2002
- BELTRÃO, Luiz. **Teoria e Prática do Jornalismo**. Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Edições Omnia, 2006.
- COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo e Público: Sobre vínculos com o cidadão, convertido em audiência**. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Orgs.). O Brasil (é)ditado. Florianópolis: Insular, 2012. p. 21-42.
- DORNELES, Beatriz. **Imprensa “engajada” em movimentos comunitários**. In: Redes.com, nº 3. Sevilla, 2006.
- FECHINE, Yvana. **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação das Letras e Cores/CPS-Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOI, Larissa Martins de. **Cobertura policial Reflexões sobre os programas televisivos Linha Direta, Brasil Urgente e Barra Pesada como produtos de entretenimento**. Brasília: CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB. 2007. Acessado em: 12/09/2018. <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1475/2/20176767.pdf>>
- GOMES, Danniell Alencar. **Jornalismo Policial: Imparcialidade Na Transmissão De Notícias**. Brasília: Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA. 2005. Acessado em: 12/09/2018. <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1643/2/20179686.pdf>>
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação a pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2001.
- JUNQUEIRA, Carolina Nunes Ferreira; JÚNIOR, Enio Moraes. **A Estrutura Textual Das Notas Jornalísticas: Um Estudo De Caso No Portal Istoé**. II Seminário de Iniciação Científica da ESPM – São Paulo – 30 e 31 de outubro de 2013. Acessado em: 12/09/2018. <http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/carolina_junqueira_-_ii_semic_2013_0.pdf>
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética**/ Bernardo Kucinski, - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Editora UNESP. 2005. Acessado em: 12/09/2018. <<http://kucinski.com.br/pdf/Jornalismo%20Virtual%20Web.pdf>>
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MACIEL, Pedro. **Jornalismo de Televisão**. 1995. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzato.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia - Jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1989.
- MARTINUZZO, José Antônio. **Roda VT! A televisão capixaba em panorâmica** / organizado por José Antonio Martinuzzo. Vitória: DIO, 2006.
- MATIAZZI, Valmir. **Mídia Jornalística Online: Apropriação e ressignificação na sala de aula**/ Valmir Matiazzi. 2010.
- MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. Acessado em: <<https://pt.scribd.com/doc/53176828/Generos-Jornalisticos>>